



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 20 | AGO 26



ÍNDICE

O BILHETE

Renato Guimarães Ferreira

05

LEVA O RECADO

Ana Maria Malik

08

MESSAGE IN A BOTTLE

Mario Aquino

14

RECADO

Sérvio Túlio Prado Junior

22

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 57 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Meu nome é Mario Aquino Alves. Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 57 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias



Meu nome é Renato. Tenho 64 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sêrvio, Sêrvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas avô que ensinava latim. Tenho 56 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa, das regorgitantes, a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto e, principalmente, atolado.



O BILHETE

Com o bilhete na mão, fiquei pensando: quem é esse homem? O que será que ele faz da vida? O que significa esse lembrete?

Ele é meu vizinho. Mora no andar de cima e é quieto e calado. Eu só o vejo de manhã, quando saio para o trabalho e ele aparentemente também o faz. Ao entrar no elevador, costumo dizer bom dia, mesmo sabendo que não ouvirei resposta. Com fones de ouvido e o olhar baixo, ele faz que não me vê – ou talvez não me veja mesmo. Hoje, meio constrangido pelo silêncio que me pareceu mais inquietante do que o de outros dias, também baixei os olhos e olhei primeiro para os meus pés e depois para os dele.

Vi que calçava umas botas sujas de barro seco. O barro se misturava com umas folhas, das quais se viam apenas umas pontas já amareladas. Usava um cinto de couro com fivela de metal que me chamou a atenção. À primeira vista, era um acessório comum, mas bastava olhar por alguns segundos para perceber que havia algo estranho nele. O couro tinha umas marcas irregulares que sugeriam que ele tinha sido apertado com força antes. Será que meu vizinho já foi mais gordo? Ocorreu-me que um cinto pode apertar tanta coisa. O que será que aquele, gasto pelo uso, já tinha apertado? Além disso, era muito longo para uma pessoa de seu porte, com sua ponta se estendendo até a metade da parte de trás da calça. A fivela tinha um brilho opaco e revelava umas manchas escuras, resultado da ação do tempo e talvez do suor de corpos, o dele e de outros.

Apesar de tê-lo encontrado inúmeras vezes nas mesmas condições, só vi a tatuagem na semana passada. Ele entrou no elevador com a camisa branca mal passada entreaberta. Como de costume, não cumprimentou, nem deu qualquer sinal de que registrara minha presença. Deu um empurrão na porta de correr pesada, que não fechava completamente sem um tranco final de quem estava do lado de dentro. Postou-se do lado oposto ao meu deixando à vista a inscrição que ele trazia no peito, ao redor do pescoço: **Dead Inside**

Discretamente, passei a mão no braço em que tenho tatuada uma andorinha. Senti medo e quis muito que o elevador chegasse logo ao térreo. Fiquei imaginando que o cheiro forte e enjoativo do perfume que usava tinha uma finalidade: ocultar o fedor daquilo que trazia morto dentro de si. O que seria? Inutilmente tentei me tranquilizar pensando que aquela mensagem não era para mim, mas não consegui evitar a serpente da dúvida. O medo que trago dentro de mim é algo morto ou vivo? Totalmente morto não é, pois é capaz de criar. Ele cria monstros.

Antes de chegar ao térreo, o telefone dele tocou. Ele fixou os olhos, colocou a mão no bolso e retirou o aparelho lentamente. Sem tirar os olhos de mim, atendeu e balbuciou, com voz baixa e grave, uma sequência de sins e nãoos. Desligou, colocando o celular no bolso. Ainda olhando na minha direção, deixou de olhar para mim e passou a olhar através de mim. Seu olhar me atravessou e se fixou no espelho que refletia minhas costas e distorcia a imagem de seu rosto. Sentindo-me condenado e praticamente no fim, tentei me distrair observando o laminado de madeira escurecida que cobria as paredes da cabine em que nos metemos pela manhã. A luz cansada do velho elevador parecia escolher o que iluminava, deixando cantos apagados e áreas de luz intensa e dura.

Arrumou o cabelo, abotoou a camisa e saiu do elevador. Do lado de fora, virou-se para mim e perguntou, você conhece o Pedro do Jardim Ângela? Ao que respondi rapidamente, não. O monstro que eu havia criado se mexeu dentro de mim e me soprou interpretações sombrias. Ah, falou ele, e novamente se calou, certo de que eu havia entendido o sentido do que insinuara. O espelho capturou o tremor das minhas entranhas, mas eu não quis ficar olhando pois a imagem já não correspondia à ideia que eu fazia de mim.

Caminhou com passos largos e firmes até um carro que o esperava na porta. As botas faziam um barulho seco e deixavam um rastro de terra no chão do lobby do elevador. O porteiro acenou, eu acenei de volta, ele não. Entrou atrás no carro, provavelmente era um Uber. Ao fazer isso, deixou cair um bilhete na calçada. A curiosidade e o desejo inconfesso de estabelecer uma relação amigável com ele foram maiores que o medo. Eu me apressei para pegar o bilhete. Tentei alcançá-lo antes que o carro partisse. Não consegui. No bilhete estava escrito apenas isso: "Não se esqueça da faca."

Nesse dia, ao voltar do trabalho, resolvi subir até meu apartamento pelas escadas. Se o cansaço não vence o medo, pelo menos o deixa tonto.

Renato Guimarães Ferreira



LEVA O RECADO^[1]

a quem me deu tanto dissabor.

Porque na verdade, eu não sou de mandar recado. Embora tampouco diga na cara. Uso metáforas, humor, expressões corporais ou faciais. De fato, saber o que eu estou pensando é muito fácil se alguém olhar para mim de verdade ou me ouvir. Recados são meias palavras? Ou sínteses muito claras, portanto tendo pouco a ver com a evasividade ou com os subentendidos das meias palavras. Embora para bom entendedor meia palavra baste, a expressão atual para quando alguém aparentemente demora a entender é “quer que desenhe?”.

Isto prova um axioma muito comum, de que uma imagem pode valer mais que muitas palavras. No entanto, até mesmo em fotografias não retocadas as imagens podem servir para compreensões bastante distintas. Menino de recados, além de significar alguém que literalmente transmite informações entre partes, pode se referir a um mero cumpridor de ordens, sem vontade própria.

O espelho dá um recado? De como estou, de se posso me apresentar em público? Minhas fotos ou meus vídeos mostram outras imagens, quase sempre, mesmo que da mesma pessoa, euzinha, no mesmo instante. Em geral, menos lisonjeira, ou mais parecida com o que os o que os demais enxergam. A foto e o vídeo costumam me trazer mais dissabor que o espelho, sendo que eu nunca me considerei condenscente comigo.

[1] - Música RECADO de Paulinho da Viola

Se recado é mensagem, penso naquele pobre mensageiro que correu A maratona para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas, na batalha de Maratona. Mas também lembro que há quem diga que até essa notícia é *fake*, que a corrida real foi muito mais longa e serviu para solicitar auxílio pois o exército ateniense não estava em tão boas condições, antes da guerra, bem antes da era cristã. Ou seja, nem as *fakes* são de fato invenções, ou fatos, de nossos tempos atuais. Talvez narrativas, mais uma palavra da moda, sejam um bom eufemismo para este fenômeno. Se for o caso, recados podem ser um exemplo de story telling, com uma boa embalagem para acertar o gosto do freguês ou do ouvinte/leitor.

Pensando bem, como na comunicação o meio é a mensagem, a forma de contar ou transmitir uma história tem muito a ver com nossa compreensão. Afinal, os pombos podem ser metáforas tanto de correios quanto da paz. Mais contemporaneamente, fiquei absolutamente encantada com as corujas que faziam o papel de correio nas histórias de Harry Potter, porém com uma habilidade superior, a de encontrar o destinatário estivesse ele onde estivesse. No fundo, não é esse o sonho de qualquer comunicador? Alcançar quem se busca e entregar-lhe um recado, mais ou menos claro. A clareza, no caso, tem a ver como texto. Por isso, mais que meios recados há meias palavras. Nesse caso, o muito moderno *ghosting*, também conhecido como "dar um perdido", não funcionaria.

Tomar consciência de algo às vezes é difícil. Por isso a expressão "quem tiver olhos para ver, verá" remete imediatamente a algo para além dos órgãos dos sentidos. Ver e enxergar, ouvir e escutar, ler e entender são conceitos diferentes e que interferem em como compreendemos os recados que a vida e os outros (às vezes até o nosso corpo) nos mandam.

Por isso a sabedoria mal compreendida de um antigo e folclórico dirigente de futebol, de quem uma das frases mais citadas é: “o pior cego é aquele que não quer ouvir” [2] ém de uma boa anedota, isso pode ser uma figura de linguagem da família da sinédoque [3] ou da metonímia. Entendido como um estilo, pode ser pensado como uma metáfora para algo além do significado inicial de cada frase, ou de cada expressão corporal. No entanto também pode ser compreendido como ironia ou falta de conhecimento. Aliás, dois significados muito diferentes.

Recados são dados todos os dias, a cada momento, por praticamente todas as pessoas. Trata-se de prestar atenção aos sinais. Na meteorologia, há sinais, sempre, e há modelos que se pode rodar para prever o que pode acontecer. No entanto, precisa saber rodar e interpretar e... nesses tempos de mudança climática, a realidade não segue os modelos. Aliás, quando é que a realidade cabe num modelo?

Presságios podem ser compreendidos como sinais. Instintos que sugerem ir, ou não! Na tomada de decisões, pessoais ou organizacionais, cabe levar em conta a dicotomia razão e intuição, sempre presente, trata-se de reconhecer o peso de cada uma, a cada vez.

Deve haver gente para quem a vida e o mundo são simples, para quem os modelos dispõem de poucas variáveis. De fato, quanto mais variáveis existem disponíveis mais surpresas pode haver. Mais conhecimentos não deveriam trazer mais certezas e sim, talvez mais capacidade para aceitar surpresas e, diante delas, a si mesmo refazer. Isto também é um recado, do mundo complexo como é o de hoje. Como dizia Cícero, nas Catilinárias, o *tempora, o mores* [4]. Cabia no século antes da era cristã e cabe agora, no século XXI desses mesmos tempos.



Ana Maria Malik

[2] - Vicente Matheus, foi presidente do Corinthians

[3] - Sinédoque: figura de linguagem que troca o todo pela parte ou vice-versa. É um tipo de metonímia (um par de olhos azuis em vez de uma pessoa de olhos azuis)

[4] - “Oh, tempos, oh costumes.”

MESSAGE IN A BOTTLE

Há alguns meses, encontrei uma oferta de emprego em uma universidade na China.

Não estava procurando emprego. Muito menos pensando seriamente em me mudar para a China. Mas a vaga era interessante. A universidade era boa, a posição parecia prestigiosa, o salário provavelmente compensador. Abri o anúncio, li os requisitos, pensei por alguns minutos naquela vida alternativa e fiz o que quase sempre fazemos quando encontramos algo que não queremos decidir naquele momento.

Mandeí a mensagem para mim mesmo. O WhatsApp tem essa curiosa função de permitir uma conversa consigo mesmo. Uso-a para guardar links, nomes de restaurantes, livros que pretendo ler, textos que preciso baixar, lugares que talvez visite um dia. É uma espécie de depósito de intenções. Enviei o link da vaga acompanhado de uma frase curta: “ver isso com calma depois”.

O depois nunca veio.

Meses mais tarde, procurando outra coisa, encontrei a mensagem. A vaga já devia ter sido fechada. Talvez outra pessoa estivesse ocupando o cargo. Talvez a universidade já tivesse iniciado o semestre. Aquela possibilidade, que por alguns minutos havia parecido digna de consideração, tinha simplesmente desaparecido.

O curioso era que a mensagem continuava ali. "Ver isso com calma depois."

Era um recado que eu havia mandado para mim mesmo. Mais precisamente, para uma versão futura de mim que eu imaginava ter mais tempo, menos urgências e alguma disposição para pensar sobre a possibilidade de viver do outro lado do mundo.

Esse sujeito nunca apareceu.

Ou talvez tenha aparecido e simplesmente ignorado a mensagem.

Há algo estranho em mandar recados para nós mesmos. Supomos que o destinatário futuro continuará sendo nós, apenas alguns dias mais velho e, de preferência, mais organizado. Mas isso não é inteiramente verdade. A pessoa que encontra a mensagem meses depois já viveu outras coisas, assumiu outros compromissos, abandonou alguns desejos e adquiriu outros.

O remetente e o destinatário têm o mesmo nome.

Mas não são exatamente a mesma pessoa.

Talvez seja isso que fazemos quando mandamos uma mensagem para o futuro.

Colocamos alguma coisa numa garrafa e a lançamos adiante, confiando que alguém a encontrará. Às vezes esse alguém é outra pessoa. Às vezes somos nós mesmos.

Adorno imaginava que certas ideias poderiam sobreviver assim: como mensagens lançadas a um tempo que talvez ainda não estivesse preparado para recebê-las. O The Police transformou a mesma imagem em solidão, esperança e espera. Em ambos os casos, há algo que escapa ao remetente. Depois que a garrafa entra na água, não decidimos mais onde ela vai parar, nem quando será aberta, nem o que seu conteúdo significará para quem a encontrar.

Minha vaga na China não chegou a lugar nenhum.

Continuou ali, enterrada entre links, lembretes e pequenas promessas feitas a mim mesmo. "Ver isso com calma depois."

Talvez o recado não fosse sobre a China.

Talvez fosse apenas uma mensagem daquele sujeito de alguns meses atrás para este que a encontrou agora, lembrando que, por alguns minutos, ele conseguiu imaginar uma vida diferente.

A vaga passou.

A mensagem ficou.

Mario Aquino



RECADO

Há vinte meses enviei a mim mesmo, meio que sem o saber, um recado. Nesta mesma Magnética, na maneira dos loucos, primeira edição. Na garrafa, uma mensagem, como quer o meu querido Mario Aquino.

A pretensão continua a mesma. A ignorância, a preguiça, a vergonha e a vaidade? Marginalmente alteradas. Mas a arrogância - essa já não sei, já fui, acho, bem melhor nisso - partes a menos podem fazer falta de verdade quando o que já não há mais é coisa importante. Fica assim tudo como um vazio, e que sendo só isso, vazio, não tem um fim que se possa discernir.

Há que se trabalhar. Sigamos. De toda a minha lista inicial, só consegui de fato começar o Husserl, há poucas semanas, *Logische Untersuchungen*, método Kumon. Coisas potentes, matrizes e radicais de sentido, angústia e ambições dessa gente do fim do XIX para tanta coisa que o XXI não decifrou. O tempo é mesmo uma ilusão.

Quanto aos outros que estavam lá no meu inicial e magnético delírio – Kant, Wittgenstein, Schutz, Berger, Luckman e Luhmann – o que eu posso sinceramente dizer é que eu devo, eu não nego e ... o resto da frase conhecemos todos.

Parece haver, contudo, algum método nessa minha insanidade. E dele, ou dela, não sei ao certo, se distingue o que não poderia ser melhor notícia, ainda que só para mim, uma novidade: a metafísica respira e vive. O platonismo matemático, a não-dualidade, Spinoza, o *Pratyabhijñā* [1], o infinito poder da poesia, corruptor, extensivo, as coisas e os verbos, tudo o que é relação - *Aho Mitákuye Oyás'inj!* [2] - e tudo que de si mesmo emerge, e que se dissipa em impermanência. *Ātman* [3] e *Anātman* [4], *Self* e não-*Self*, Brahman e Buda, rabinos e presbíteros, gnose e patrística, *falsafa* [5] e *ma'rifa* [6]... milênios de uma conversa de infinitos eixos, nem sempre feira à maneira de irmãos em toda verdade e beleza do que revelam, cada um por seu modo diferente.

E melhor ainda, tudo me parece confirmar que existem sempre níveis em que a mágica que fabricou o mundo se projeta e se organiza. Mágica a ser desfeita no colapsar do tempo, algo que na aparência avança, mas é retorno. *Sephirot*, o Raio da Criação, cordas, multiversos, as equações do princípio holográfico, "em cima e em baixo" refletidos, *Trimegistos*, a mente que se estende, ou que se ilude.

O caminho permanece aberto, nunca se fecha. Ele é feito só dessa vontade que cada um tem de caminhar.

Sérvio Túlio Prado Júnior



[1] A etimologia de *Pratyabhijñā* deriva do sânscrito, sendo composta pelas partes prati- (re-, novamente) + abhi- (para perto) + jñā (saber, conhecer), resultando em "re-conhecimento" ou "conhecimento direto de si mesmo". Esse termo é central para a filosofia idealista e monística do Shaivismo da Caxemira, onde se refere à ideia de reconhecer a identidade fundamental entre o indivíduo (paśu) e a consciência absoluta (Śiva) para alcançar a libertação.

[2] Frase ritual dos Lakota, que relaciona tudo o que é e tudo o que se faz: "por todas as minhas relações". Ouvi essa frase pela primeira vez sendo dita por D. Vidal Ayalla Sanchez, no final do ano de 1996, em Ollantaytambo, no Perú. Foi através dele também que tive conhecimento do Caibalion atribuído a Hermes Trimegisto, que é também citado mais à frente no texto. Tenho profunda gratidão e reconhecimento pelo que só agora começo a entender. Na época, contudo, não foi assim uma coisa tão suave.

[3] Também do sânscrito, *Ātman*, no hinduísmo, o eu verdadeiro, Brahman presente em cada um.

[4] *Anātman*, a verdade do não-eu (não-self) revelada por Buda.

[5] Nome dado, em árabe, à filosofia racionalista de base aristotélica estudada nos países islâmicos durante a Idade Média.

[6] Para Ibn'Arabi, conhecimento direto, sem intermediação qualquer que seja, da realidade divina das coisas.

INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

